

**RECEBIDO EM: 13-06-2020**

**ACEITO EM: 21-07-2020**

## **UM ESTUDO DO HÁBITO DE LEITURA E NÍVEL DE LETRAMENTO INFORMACIONAL DOS DISCENTES DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFMT/CUR**

**Ana Claudia Reis Bittencourt<sup>1</sup>**  
**Sheila Cristina Ferreira Gabriel<sup>2</sup>**  
**Adinael J. Pereira da Trindade<sup>3</sup>**

**Resumo:** O presente artigo apresenta os resultados da pesquisa realizada em 2017 no Curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário de Rondonópolis, como exigência de conclusão do curso. A pesquisa buscou investigar o comportamento dos alunos do 1º ano do curso de Biblioteconomia em relação à leitura. Participaram desta pesquisa 22 sujeitos. O tipo de pesquisa empregado foi o estudo de caso, com abordagem qualitativa. Para a coleta de dados utilizou-se de questionário. A fundamentação da pesquisa, foi alicerçada nas ideias de Tourinho (2011), Brito (2010), Farias (2010), Silva, Andrade e Euclides (2007) e outros. Dentre os conceitos discutidos por estes autores estão leitura, leitura na universidade. Os dados revelaram que apesar dos sujeitos participantes relatarem ter 100% de frequência de leitura e 82% afirmarem que gostam de ler, mais da metade tem dificuldades em interpretar e compreender um texto, portanto, pode-se dizer que o entendimento do que se lê não é efetivado.

**Palavras-chave:** Ensino Superior. Leitura. Biblioteconomia. Letramento informacional. Discentes.

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa realizada em 2017 no curso de graduação em Biblioteconomia como parte dos requisitos para conclusão do curso. O objetivo geral da pesquisa foi identificar como os alunos do 1º ano do curso de biblioteconomia da UFMT, campus de Rondonópolis (UFMT/CUR), se relacionavam com a leitura e verificar se seriam letrados em relação ao universo informacional. Para tanto, nos propusemos a investigar como os alunos do 1º ano do curso de biblioteconomia percebiam a questão da leitura na graduação, bem como identificar se os mesmos se encontravam no contexto de letramento informacional.

---

<sup>1</sup> Pós-Graduada em Atendimento Educacional Especializado e Psicometricidade pela Instituição Faveni. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Brasil (2017). E-mail: [anabitt\\_gga@hotmail.com](mailto:anabitt_gga@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em História pelo Programa de Pós Graduação em História da UFMT. Mestrado em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação da UFMT/CUR. Especialização em História e Teoria da História pela UFMT/CUR. Graduação em Biblioteconomia pela Fundação Universitária do Oeste (Minas Gerais). E-mail: [sheilalind@hotmail.com](mailto:sheilalind@hotmail.com)

<sup>3</sup> Mestrado em Geografia no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso. Especialização em Gestão Pública pela UFMT/CUR. Graduação em História pela UFMT/CUR. E-mail: [adinaelgga@hotmail.com](mailto:adinaelgga@hotmail.com)



Para a fundamentação da pesquisa baseou-se nas ideias de Tourinho (2011), Brito (2010), Santos e Fialho ([20-?]). Os conceitos utilizados foram leitura, leitura na graduação, a importância da leitura.

A partir do confronto entre as leituras realizadas sobre letramento informacional e hábito de leitura, as observações realizadas em sala de aula durante o curso, e ainda, as experiências com monitoria, notou-se a existência de uma grande dificuldade dos ingressantes do curso de biblioteconomia em se adequarem às exigências básicas do curso de graduação em relação à produção oral e escrita, configurada pela falta de letramento, que segundo Nascimento e Beranquet (2009) ocorre devido à carências no ensino básico onde essas falhas acabam afetando o desenvolvimento dos alunos no ensino superior.

Sabe-se o quanto a leitura é indispensável para o crescimento intelectual, cultural e profissional. Ela é, sem dúvidas, um instrumento importante, capaz de promover a transformação social e a inserção na sociedade em que vivemos. Sendo assim, espera-se que essa pesquisa auxilie na formulação de estratégias de enfrentamento dos problemas provocados pela falta ou dificuldade relacionadas ao bom desenvolvimento das habilidades de leitura.

## 2 Leitura na graduação

A graduação deveria representar um *continuum* no processo formativo, no qual o estudante pudesse aprofundar seus conhecimentos didático científico em determinada área do saber. Dessa forma, a leitura no âmbito acadêmico deve extrapolar a noção de “alfabetização”, pois compreende-se a leitura como algo além da junção e vocalização de signos, mas, principalmente como ato político inerente a formação do cidadão e sua interação com o mundo. Nesse sentido, conforme afirma Freire (1989, p. 5) “podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescreve-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.”

Fica evidente, que para Freire o ato de ler está além do reconhecimento mecânico de signos, de forma, que a leitura deve promover a compreensão das ideias contidas no texto. Para o autor, a leitura possui tamanha importância que ao falar sobre o processo e alfabetização referindo-se à capacidade de escrita e leitura, afirma ser um

Ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse ‘enchendo’ com suas

palavras as cabeças supostamente ‘vazias’ dos alfabetizandos. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito (FREIRE, 1989, p. 7).

Esse pensamento acerca da importância da leitura pode ser encontrado em diversos autores sendo um consenso na literatura de que a leitura é vital no processo de desenvolvimento intelectual do indivíduo. Só a partir dela, tornamos sujeitos críticos que exercem, efetivamente, a cidadania na sociedade em que estamos inseridos. Nesse sentido, Nunes (1994, p. 14) afirma que a leitura é concomitantemente individual e social. É considerada “individual porque nela se manifestam particularidades do leitor: suas características intelectuais, sua memória, sua história e é social porque está sujeita às convenções linguísticas, ao contexto social, à política.”

Em outras palavras, a leitura, como evidencia o autor, exige requisitos pessoais além da inserção social de modo apreender/compreender símbolos e regras inerentes a escrita e leitura. Na visão de Farias (2010, [não paginado]) “a leitura pode ser vista de várias formas, seja decifrando palavras, gestos, situações ou imagens, tudo refere-se à leitura, seja verbal, escrita ou imagética.” Nessa concepção, a leitura extrapola o conceito *stricto sensu* que temos do termo, referindo-se à capacidade cognitiva de interpretação de símbolos, expressões e gestos, não dependendo necessariamente da aprendizagem formal de uma língua.

Corroborando a essa assertiva, Marconi e Lakatos (2006, p. 15) afirmam que “ler significa conhecer, interpretar, decifrar. A maior parte dos conhecimentos é obtida através da leitura, que possibilita não só a ampliação, como também o aprofundamento do saber em determinado campo cultural ou científico.” Nesse contexto, a leitura extrapola a simples decodificação dos signos linguísticos, proporcionando ao leitor não só a competência de se tornar um leitor crítico e reflexivo, bem como também, se aprofundar em qualquer assunto independente da área.

O incentivo à leitura é imprescindível para que a criança se torne um leitor assíduo e principalmente um leitor competente. Habitualmente, um dos primeiros contatos com a leitura acontece no seio familiar, quando os pais passam a ler para os filhos. Esse ato pode trazer grandes benefícios para as crianças, visto que incentivado corretamente, estimulam o hábito de leitura. Nesse sentido, Santos (2006 *apud* FONSECA, 2013, p. 12) afirma que

[...] A criança [é] como uma ‘esponja insaciável e curiosa’, e como um ‘pequeno aprendiz’, que age, urge por interação com tudo e todos a fim de reter a maior quantidade possível de informações, conhecimentos, experiências. Caso esse afimco por informações não seja satisfeita, com o tempo, pode distanciar o caminho que leva à leitura, o hábito corriqueiro e

afável de ler quer seja um simples gibi, quer seja Camões.

Desse modo, quando a leitura é incentivada da forma correta, no período certo, a criança passa a vê-la como algo prazeroso e a mesma passa a ser presente da vida desse indivíduo, porém, se contrário, a criança que é, segundo Santos (2006, p. 12) como “uma esponja insaciável e curiosa” com o passar do tempo perderá o interesse que conseqüentemente o distanciará do livro e do hábito de ler. Portanto, fica evidente a importância de os pais lerem para seus filhos e incentivarem os mesmos a lerem sozinhos, pois o contato com livros, favorecerá o desenvolvimento de práticas de leituras.

Entretanto, essa realidade tem se revelado distante. De acordo com Andraus Júnior e Santos (1999) no Brasil, a maioria dos pais não possuem o hábito de ler e pouquíssimos incentivam seus filhos, transferindo assim essa responsabilidade para a escola.

Contudo, a escola, sobretudo, a pública por ser uma instituição, muitas vezes precária em recursos materiais e/ou humanos, não estão preparadas para desenvolver a leitura de forma eficiente (TOURINHO, 2011). Ainda, segundo o autor, existe uma variedade enorme de causas para explicar a falta da influência da família no cultivo do hábito da leitura nas crianças. Ele afirma que

[...] A realidade da família brasileira mediana não reflete uma atmosfera propícia para a leitura, em função de uma variedade enorme de causas; a maioria dos pais vive em condições desfavoráveis, seja financeira ou culturalmente, e não tem ambiente adequado que fomente o hábito de ler (TOURINHO, 2011, p. 329).

Sobre a importância de adquirir o hábito da leitura, Santos (2011, p. 1) versa que

A constituição do hábito de ler é bastante importante para um processo educacional eficiente, proporcionando assim a formação integral do indivíduo [...]. Considera-se que as pessoas que tem o hábito de ler, obtêm um bom desempenho em diversas disciplinas por conseguir extrair dos textos as informações necessárias para sua compreensão e interpretação, com mais facilidade. Assim os leitores que interpretam bem conseguem se destacar em qualquer área [...].

É esperado que ao ingressar na universidade, os discentes tenham as habilidades de leitura mencionada no excerto, que saibam ler, compreender e interpretar os textos acadêmicos, bem como tenham senso crítico acerca do leem e que a partir disso possam tirar suas próprias conclusões. Contudo, essa não é a realidade encontrada nas universidades. Não é raro deparar com alunos cursando o ensino superior, em instituições públicas e privadas que não possuem essas competências essenciais para uma formação de qualidade.

Nesse contexto, Alves (2008) cita em seu artigo *Leitura e Universidade: comportamento de leitura na formação do pedagogo da UFPA* a coleta de dados feita por Santos (1990) e Oliveira (1999) onde revelam que no Brasil “[...] a leitura entre os universitários não se constitui em uma leitura crítica e criativa. Ambos comprovam que os universitários não estão chegando à Universidade como leitores plenamente desenvolvidos.” (ALVES, 2008, p. 4).

Diante do exposto, pode-se inferir que embora tais deficiências se tornem mais evidentes no ensino superior, são oriundas de um histórico escolar deficitário e na falta de estrutura e apoio familiar. A respeito disso, Aquino (2000, p 14) ressalta que:

[...] Nos diversos níveis de ensino, os jovens leem cada vez menos. Nota-se que nos níveis fundamentais, a prática de leitura é de forma mecânica, levando o aluno a não formular suas possibilidades criativas de leitura. [...] Submetendo, durante toda a sua escolarização, a essas práticas destruidoras da capacidade criativa de ler, ao chegar à universidade, o jovem não tem um repertório que possibilite o seu mergulho nas tais teias do texto, nas suas relações intertextuais e interdiscursivas. Ele não tem, portanto, a capacidade de ler histórias no texto, de percorrer os labirintos que ligam um texto a outro e que constroem os sentidos na sociedade.

Portanto, é de extrema importância que ao ingressar na universidade, os discentes já tenham adquirido os conhecimentos básicos e/ou essenciais à compreensão/construção de textos. A ausência de tais competências impactam diretamente no desempenho acadêmico do aluno, interferindo no desenvolvimento do senso crítico e reflexivo.

Vale ressaltar, que embora os pais e responsáveis reconheçam a importância do ensino na vida das crianças/jovens, de modo geral, isso não os leva a adotar medidas reais de incentivo ao desenvolvimento da leitura que colaborem na formação de um sujeito crítico e reflexivo capaz de se tornar cidadãos autônomos, do ponto de vista intelectual.

Em contra partida, se os agentes públicos investissem os recursos financeiros de forma adequada e priorizassem a educação no país, as escolas teriam a oportunidade de oferecer aos alunos uma educação de qualidade que, por conseguinte, favoreceria a formação de indivíduos capacitados e competentes diminuindo ou acabando com esse problema que é cíclico.

Contudo, como bem coloca Rodrigues (2016, p. 18), “em nosso país investir numa sociedade leitora não é vantagem para quem está ocupando o poder, de modo que governar para cidadãos leitores não é viável e sim perigoso.” Ainda nessa linha de pensamento, Silva (1993, p. 12), complementa afirmando que “[...] o ato de ler, se efetuado dentro dos moldes críticos ‘é perigoso’ àqueles que ilegitimamente dominam o poder.”

Destarte, os governantes preferem manter as pessoas alienadas, sendo incapazes de pensarem por conta própria, dessa forma se torna mais fácil sua manipulação, sendo esse um dos motivos da desvalorização da educação e dos educadores.

Em 2016 foi realizada a 4ª edição da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, promovido pelo Instituto Pró-livro e realizada pelo Ibope inteligência, que buscou identificar o hábito de leitura dos brasileiros. Assim como nas pesquisas anteriores ainda é grande o percentual da população brasileira (44%) que não possui o hábito de ler. Conforme os entrevistados, isso ocorre devido a fatores como a falta de tempo, a falta do gosto pela leitura e um ponto crucial apontado pela pesquisa foi que os entrevistados não leem por encontrar dificuldades em interpretar o que está sendo lido (FAILLA, 2016).

A realidade nas universidades não é diferente. Um estudo realizado por Silva, Andrade e Euclides (2007) sobre *A importância da leitura no contexto de formação profissional círculo de leitura na faculdade de Viçosa*, demonstrou que a falta de tempo foi uma das principais razões apontadas pelos entrevistados. Cerca de 77% revelaram não ler por falta tempo devido ao trabalho. Quando perguntados se gostavam de ler 87% responderam gostar e 13% não gostar. Porém, como foi dito pelos autores “[...] gostar de ler não necessariamente implica o hábito de leitura.” (SILVA; ANDRADE; EUCLYDES, 2007, p. 6).

A pesquisa, apontou uma porcentagem muito alta de universitários que afirmaram ter dificuldades de compreensão dos textos, cerca de 73% e somente apenas 43% de entrevistados disseram ter facilidade em ler e compreender os textos acadêmicos. Diante essa situação, pode-se inferir que apesar de 87% gostarem de ler, essa leitura não está sendo realizada de forma efetiva, visto que apenas 43% conseguem assimilar o que os textos científicos propõem (SILVA; ANDRADE; EUCLYDES, 2007).

Nesse sentido, parte dos universitários não podem ser considerados leitores competentes, pois um leitor competente, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997, p. 54) “[...] é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.”

Partindo dessa premissa, pode-se concluir que se os discentes ainda não adquiriram competências necessárias para reconhecer suas próprias necessidades e selecionar aquilo que precisam, não podem ser considerados letrados. Podem até saber decodificar os signos linguísticos, mas, se não compreendem o que leem, se não conseguem formular hipóteses, se não conseguem tirar suas próprias conclusões acerca dos



assuntos lidos, logo não foi adquirido o letramento. Com base nessas constatações, Santos e Fialho ([200-?]) dissertam que

[...] A leitura é o principal meio de sucesso para o processo de letramento informacional. A leitura é o primeiro passo, pois sem ela não será possível calcar os passos para que o indivíduo possa ter consciência da informação que necessita, onde buscá-la, como selecioná-la e como transformá-la em um novo conhecimento. (SANTOS; FIALHO, [200-?], p. 13).

Outro problema encontrado entre os alunos de graduação é a falta de interesse e/ou mal uso da biblioteca. Apesar da biblioteca ser um espaço propício para estudo, Alves (2008) nos revela que apenas 3% dos alunos frequentam a biblioteca. A má utilização da biblioteca ocorre, segundo a autora, pelo fato de os alunos veem a biblioteca como um lugar somente para fazer empréstimos de livros. De acordo com ela, isso ocorre por que “[...] não há uma cultura arraigada no estudante de realizar seus estudos e fazer suas pesquisas na biblioteca, além disso, o tempo de permanência da maioria dos [...] estudantes [...] é insuficiente.” (ALVES, 2008, p. 15).

Por meio desses dados, é possível perceber que os universitários ainda não têm plena consciência de como a leitura é importante para seu crescimento pessoal, acadêmico, profissional e importante instrumento para aquisição do conhecimento necessário para formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, sendo a mesma responsável pelo processo do letramento de cada indivíduo.

Também não é raro encontrar nas universidades, alunos em situação de analfabetismo funcional que Biarnés (1998) define como letrismo a-funcional, por acreditar que

Essa mudança de conceito é importante, pois, enquanto o iletrismo e o analfabetismo funcional ‘estigmatizam’ a pessoa, fazendo dela a única portadora de uma anormalidade, de falhas, o conceito de ‘letrismo a-funcional’ nos induz a considerar o problema como parte de um amplo sistema de significações diversas que ‘o sujeito, em relação com o seu meio’, atribui à sua própria relação com a letra. Uma dessas significações levou-o a construir uma a-funcionalidade da letra em suas relações com o outro. Toda ação pedagógica, quer seja de escolarização inicial ou de formação de adultos, necessita então ser repensada, pois não se trata mais de métodos próprios para preencher lacunas, mas de reconstrução de sentidos. (BIARNÉS, 1998, [não paginado]).

Com base nessa premissa, analfabetismo funcional ou “iletrismo a-funcional”, se manifesta dentro das instituições superiores quando o professor cobra dos alunos trabalhos que necessitam de leitura e compreensão de textos acadêmicos.

Apesar de ser tecnicamente alfabetizado, o analfabeto funcional não consegue extrair dos textos a ideia do autor. Simplesmente decodificam códigos linguísticos, não obtendo a compreensão dos conceitos e ideias

neles descritos. Nesse sentido, Santos (1998 *apud* TOURINHO, 2011, p. 339) alude que “[...] muitos [estudantes] entram na universidade sem compreender sequer um texto, tanto de ficção quanto de não ficção. Não conseguem interagir com o texto, ou seja, são incapazes de compreender significativamente o conteúdo que leram.”

Nesse sentido, além de verificar que a falta de leitura ocasionar diversas dificuldades no tocante a escrita e compreensão de textos, também é comum perceber em pessoas que tem pouco e/ou nenhum hábito de leitura um “[...] vocabulário restrito, temerosos de apresentar argumentos e raciocínios em um debate ou seminário, até mesmo diante de seus outros colegas, o que é extremamente preocupante no Ensino Superior [...]” (TOURINHO, 2011, p. 339), quando é preciso desenvolver uma domínio linguístico conceitual mais apurado de forma que quando está cursando uma graduação é necessário ter

[...] a aptidão para ler com eficiência [visto que] é o mais significativo indicador de bom desempenho linguístico, [que permite] ao leitor ter uma quantidade de informações sobre quase todos os domínios do conhecimento, sabendo hierarquizá-las, estabelecendo as devidas correlações entre elas e discernindo as que se implicam das que se excluem, utilizando-as apropriadamente como recursos argumentativos para sustentar suas ideias (BRITO, 2010, p. 11).

Na apropriação de tantas abordagens sobre a leitura, foi possível compreender que a mesma pode tornar-se um instrumento de cidadania, sem o qual o indivíduo compromete sua capacidade de acessar direitos e deveres e de intervir na sociedade, tornando-se formadores de opinião.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Utilizamos no presente trabalho a abordagem qualitativa, que segundo Sampiere, Collado e Lucio (2006, p. 5) se propõe a “Utilizar [a] coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aperfeiçoar questões de pesquisa e pode ou não provar hipóteses em seu processo de interpretação”. O tipo de pesquisa adotado foi o estudo de caso. Tal procedimento “[...] é bastante amplo, pois permite que o fenômeno seja estudado com base em situações, contemporâneas, que estejam acontecendo, ou em situações passadas, que já ocorreram e que sejam importantes para a compreensão das questões da pesquisa colocadas” (CEZAR, [200-?], [não paginado]). E lócus da pesquisa foi a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), atualmente Universidade Federal de Rondonópolis (UFR).



O estudo foi realizado com 22 discentes do 1º ano do curso de Biblioteconomia. O instrumento de coleta de dados foi o questionário, contendo perguntas abertas assim “[...] chamadas livres ou não limitadas, são as que permite responder livremente, usando linguagem própria e emitir opiniões.” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 89) e contendo perguntas de múltipla escolha que “[...] são perguntas fechadas mais que apresentam uma série de possíveis respostas, abrangendo várias facetas do mesmo assunto.” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 91). Houve perguntas no questionário que foram organizadas por escalas e por este motivo, sentiu-se a necessidade de, na tabulação dos dados, utilizar a média ponderada. O questionário foi aplicado em sala, em período de aula, com a permissão da professora ministrante.

#### 4 RESULTADOS

Discutiremos agora sobre os resultados que obtivemos sobre o hábito de leitura dos discentes de Biblioteconomia. A primeira questão abordou o gosto dos alunos pela leitura. O resultado apontou que cerca de 82% dos entrevistados disseram gostar de ler, 14% disseram não gostar e 4% não responderam. Como revelam os dados, uma grande parcela dos entrevistados afirma gostar de ler, não obstante, como bem coloca Silva, Andrade e Euclides (2007) gostar de ler não significa que tenham hábitos de leitura.

No tocante a parcela de alunos que não gostam de ler, Farias (2010) afirma que mesmo sabendo da importância do ato de ler, é comum notar “[...] jovens que frequentam as universidades públicas ou privadas afirmar[em] que não gostam de ler, que a prática da leitura é um ato cansativo, tedioso e sem importância” (FARIAS, 2010, [não paginado]).

Tal desinteresse nos remete ao que foi supramencionado, sobre a falta de incentivo à leitura no ambiente familiar que, conseqüentemente, ao entrar na escola não foram estimulados de forma eficaz pelos professores para que despertassem o desejo e o hábito de leitura. “É importante ressaltar que a leitura é à base do processo de alfabetização e da formação da cidadania. Nesta perspectiva, cada professor deve ter clareza de que educar e ensinar para o desenvolvimento das potencialidades do ser, tanto individual como social” (RAUEN, [201?], p. 2).

Ao investigar a frequência de leitura dos discentes, os dados evidenciam que 65% afirmam que leem diariamente e os outros 35% que leem semanalmente. As outras opções como mensalmente, anualmente, raramente e nunca, não houve percentual.



Percebeu-se que 100% afirmam possuir alta frequência de leitura. Tal evidência representa um contrassenso, visto que 14% revelaram não gostar de ler, porém, por estarem em um ambiente universitário, no qual se exige uma considerável carga de leitura, as leituras que podem estar sendo realizadas, talvez sejam as exigidas pelos professores, de modo, que embora não um interesse profundo pela leitura, se veem obrigados a lerem diariamente.

Quando indagados sobre suas preferências de leitura relacionadas aos gêneros textuais, observou-se que a maioria dos discentes leem mais textos didático/técnico. Vindo em seguida os artigos de revistas e jornais. Tais dados reforçam o fator da leitura com o foco na aprendizagem, pois possivelmente essas leituras são realizadas em função das demandas do curso de graduação.

Observou-se também, que raramente os alunos afirmam que leem poesia e textos utilitários, como manual de instrução e bula de remédio. Outro dado interessante, é que alguns gêneros textuais, nunca são lidos pelos discentes, como: gibis, literatura, autoajuda, bíblia e manual de instruções. Vale ressaltar, que os únicos gêneros que todos, sem exceção, leem com alguma frequência, são exatamente os textos didáticos/técnicos e artigos de revistas e jornais, conforme visto anteriormente.

A questão seguinte procurou saber sobre o primeiro contato dos discentes com a leitura. E descobriu-se que 57% dos entrevistados tiveram o primeiro contato com a leitura na escola e 35% tiveram seu primeiro contato no ambiente familiar.

Esse resultado evidencia o que Tourinho (2011) relatou em seu artigo *Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: 'deficiência' ou simples falta de hábito* que boa parte das famílias brasileiras não possui um ambiente favorável para a realização de leituras e que isso ocorre por diversas causas, como por exemplo: condições desfavoráveis como financeira e cultural. Esses fatores fazem com que os pais transfiram a responsabilidade de ensinar e incentivar as crianças a possuírem um hábito de leitura para as escolas.

O autor também comenta que poucas são as crianças que recebem esse incentivo de leitura no ambiente familiar e que raras, têm a possibilidade de ter disponível em casa uma pequena biblioteca ou pais que dão aos filhos livros como presentes. Sendo assim, a escola torna-se o espaço privilegiado para a inserção do indivíduo no mundo da leitura (TOURINHO, 2011).

É importante destacar, que ainda houve porcentagem de 4% que tiveram o primeiro contato com a leitura na biblioteca pública e em outros ambientes fora da esfera escolar e familiar e 4% não souberam informar.

A pesquisa procurou verificar a quantidade anual de livros lidos pelos discente. E descobriu-se que 59% da turma liam em média de 1 (um) a 5 (cinco) livros ao ano, vindo em segunda, com 23% alunos que liam cerca de 10 (dez) a 17 (dezesete) livros ao ano. Cerca de 9% dos alunos chegaram a ler um total de 20 (vinte) a 30 (trinta) livros ao ano. Ainda houve uma porcentagem de 9% que preferiram não responder à pergunta.

Se compararmos esses dados à realidade brasileira, que é de 4 livros ao ano (PANSÁ, 2011), a média de livros lidos por ano, pelos estudantes investigados nesta pesquisa, pode ser considerado boa, uma vez que o resultado predominante foi de 5 livros ao ano. Esse dado converge com as afirmações apontadas anteriormente, correspondentes aos alunos que gostam de ler, de modo que somando os alunos que leem de 1 a 5 e os que leem de 10 a 17 livros ao ano, temos uma porcentagem de 82%.

Correspondente a esses resultados, pressupõe que os investigados já entraram na universidade com certa bagagem, trazendo consigo uma visão de mundo e conhecimentos prévios sobre vários assuntos, o que por sua vez, contraria a percepção de que os mesmos não possuem os requisitos necessários ao ingresso na graduação. Com isso, seria possível supor que possuem facilidade de compreensão e interpretação facilitando assim o entendimento dos textos acadêmicos, o que nem sempre se revela verdadeiro na realidade analisada.

Quando questionados sobre o tempo dedicado diariamente a leitura, os dados revelaram que 41% dos discentes leem cerca de 1 hora a 1 hora e 30 minutos por dia. Seguida dos que leem entre 5 (cinco) a 8 (oito) horas, somando 23% dos discentes. Por fim, os discentes que leem cerca de 30 a 45 minutos tiveram uma porcentagem de 18% igualando os que leem de 2 (duas) a 4 (quatro) horas que também teve um percentual de 18%. Se somarmos o tempo de leitura de 1 hora a 8 horas diárias, teremos o percentual de 82% o que converge com a porcentagem daqueles que informaram gostar de ler.

É importante salientar, que independente de a quantidade de horas dedicadas à leitura, 100% dos estudantes afirmam que leem com frequência. Tal informação pode ser considerada altamente relevante se considerarmos que são diversos os benefícios que a leitura propicia aos leitores, podendo influenciar não somente em relação à facilidade de compreensão e interpretação de textos, mas também, a capacidade de refletir, dar uma opinião sobre algo, aplicar o conhecimento adquirido e de saber que a leitura é um instrumento de cidadania, tornando-os assim formadores de opinião.

Dizemos “pode influenciar”, porque a frequência de leitura não nos diz se os leitores estão realizando suas leituras em profundidade, com reflexão, sabendo identificar os pontos principais do texto e relacionando com outros textos. Quanto aos elementos que mais motivam e o que menos motivam os discentes no que diz respeito à leitura, obtivemos as seguintes respostas:

- ✓ **Altamente motivantes:** dentre as alternativas dispostas no questionário, essa opção não foi escolhida pelos discentes.
- ✓ **Muito motivantes:** foram considerados pelos discentes como muito motivantes lazer, relaxar, manter-se informado, realizar seminários e discutir a leitura em sala de aula.

É importante enfatizar que os entrevistados apontaram a maioria das alternativas disponíveis no questionário. Dentre os elementos supracitados, dois estão relacionados às atividades acadêmicas. Destarte, apenas as leituras efetivadas para realização de seminário e discussão em sala, foram considerados muito motivadores pelos os alunos de Biblioteconomia.

Esse fato aponta que os discentes se mostram mais motivados à realização da leitura quando são estimulados pelos professores a fim de realizarem atividades que requerem apresentação oral. Nesse contexto, Alves (2008, p. 14) afirma que “[...] o universo de leitura desse aluno se limita principalmente com a intenção de elaborar uma tarefa.”

- ✓ **Pouco motivantes:** foram considerados pelos discentes as opções refletir espiritualmente, realizar avaliações escritas e realizar trabalho/pesquisa.

Desses elementos, dois também estão relacionados às atividades acadêmicas. Sendo assim, percebe-se que as atividades que envolvem apenas a escrita não são apontados como fatores motivacionais de leitura para os acadêmicos.

- ✓ **Pouquíssimo motivante:** dentre as alternativas, essa opção também não foi apontada pelos alunos.

Ao serem perguntados os espaços preferidos para realização de leituras, os alunos do curso de Biblioteconomia disseram preferir fazer suas leituras em casa. Quando não estão em casa, preferem ler na biblioteca ou no trabalho. É preciso acrescentar, que os lugares onde menos leem são no ônibus e em filas de espera.

Comprovando as constatações de Santos (1990 *apud* ALVES, 2008) que relata em sua tese de doutorado que muitos universitários não possuem o hábito de usar a biblioteca diariamente e os resultados obtidos em nossa pesquisa, concluiu-se que isso também ocorre com os alunos de Biblioteconomia, ou seja, eles não frequentarem a biblioteca cotidianamente.

Não se perguntou aos sujeitos da pesquisa, o porquê eles não utilizam a biblioteca, pode-se, apenas, inferir que dentre os motivos estejam à falta de tempo em função do trabalho, falta de condições financeiras para custear a permanência na universidade além do período de aula e a falta de atratividade da própria biblioteca. Nesse sentido, Alves (2008, p. 16) disserta que “[...] certamente a falta de um ambiente bem estruturado em nossas bibliotecas tem contribuído significativamente para o afastamento dos alunos.”

Para encerrar as perguntas, sentiu-se a necessidade em investigar qual a atividade preferida dos discentes fora do âmbito universitário e descobriu-se que, em primeiro lugar os alunos preferem fazer compras, ir ao cinema, sair com os amigos e assistir TV. Em segundo lugar, preferem a utilização de redes sociais, dormir e ler e em terceiro lugar como pouca preferência, conversar com a família.

Cabe notar, que nos momentos de lazer a leitura ficou em segundo plano. Portanto, por meio de relatos dos investigados percebe-se que ler não é tido como algo de grande relevância quando comparado, por exemplo, a uma sessão de cinema. Nessa perspectiva, pode-se observar que a leitura embora esteja presente diariamente ou semanalmente na vida dos discentes, fica evidente que a leitura por divertimento acontece de forma esporádica, visto que como indicado anteriormente, as leituras que muitos realizam são aquelas propostas em sala de aula pelos professores.

Contudo, para Rauen ([201?], p. 27)

[...] A formação de um leitor deve valer-se de vivências sistemáticas de leitura carregadas de significado, de sentidos que contribuam para o *ser/estar* no mundo. Deve envolver práticas sociais, nas quais o indivíduo sinta a necessidade de ler. Deve, ainda, fazer do ato de ler um momento de apropriação de saberes, de conhecimento de si e do mundo, e, sempre que possível, também um momento de prazer.

Respaldados em Rauen ([201?]) e nos resultados da pesquisa, as leituras que muitos estudantes de Biblioteconomia estão realizando não são leituras capazes de promover uma abstração da realidade, não são leituras que são feitas por prazer, mas, leituras obrigatórias, que apesar de propiciarem novos conhecimentos, não os permitem perceber a real necessidade e riqueza da leitura.

## 5 CONCLUSÃO

O tema abordado se mostrou instigante e principalmente relevante, pois refere-se a um tema atual, presente no cotidiano. O aprofundamento desta temática pode proporcionar não só ao curso de Biblioteconomia mais aos demais cursos superiores, ferramentas para formular estratégias de atuação frente aos desafios cada vez mais comuns nas universidades, pois, sabe-se que o ensino público brasileiro tem sofrido um processo de precarização que tem impactado diretamente na qualidade do aprendizado durante a graduação.

Dentre os motivos para as dificuldades de aprendizagem presentes na graduação, pode-se elencar a ampliação artificial do acesso às universidades, de modo que o crescimento do número de ingressantes no ensino superior não teve um aumento significativo da qualidade da educação básica brasileira. Assim, a queda qualitativa pode ser resultante de um processo no qual não se busca resolver os problemas da educação básica por meio de políticas de longo prazo, buscando medidas artificiais, como o aumento forçado das vagas e a diminuição dos requisitos para o acesso à universidade. Esse certamente é um dos fatores estruturais que explicam a presença de alunos portadores de uma série de deficiências educacionais, forçando as universidades a buscar meios para lidar com esses problemas da atualidade.

Dessa forma, esta pesquisa permite antecipar os problemas que poderão ocorrer com os discentes ingressantes, sendo assim, os docentes poderão verificar o nível do público que estão ingressando e assim, pode-se, formular estratégias que os permita atuar de forma mais precisa, podendo cumprir assim, o papel de ensinar e ensinar com qualidade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Laura Maria Silva Araújo. Leitura e Universidade: comportamento de leitura na formação do pedagogo da UFPA. **Revista Margens**, Pará, v. 4, n. 5, p. 1-21, 2008. Disponível em: [http://www.anpae.org.br/congressos\\_antigos/simposio2007/227.pdf](http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/227.pdf). Acesso em: 28 jan. 2017.

ANDRAUS JÚNIOR, S.; SANTOS, A. A. A. Importância do desenvolvimento da leitura na formação profissional. In: WITTER, G. P. **Leitura, textos e pesquisas**. Campinas: Alínea, 1999.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Leitura e Produção: desvelando e (re) construindo textos**. João Pessoa: Universitária, 2000.



**BRASIL.** Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. 1ª a 4ª séries. v. 2, Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BIARNÉS, Jean. O ser e as letras: da voz a letra, um caminho que construímos todos. **Rev. Fac. Educ.** São Paulo, SP, n. 24, n. 2, jul./dez. 1998. Disponível em:  
[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551998000200009&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200009&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 10 dez. 2019.

BRITO, Danielle Santos de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela**, Praia Grande, SP, ano 4, n. 8, p. 1-35, jul. 2010. Disponível em: [http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4\\_ed08.pdf](http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf). Acesso em: 21 set. 2016.

CESAR, Ana Maria Roux Valentini Coelho. Método do estudo de caso (Case Studies) ou método do caso (Teaching Cases)? Uma análise dos dois métodos no ensino de pesquisa em administração. *Revista Eletrônica Mackenzie de Casos*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2005. Disponível em:  
[www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCSA/remac/jul\\_dez\\_05/06.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCSA/remac/jul_dez_05/06.pdf). Acesso em: 05 mar. 2017.

FAILLA, Zoara. Retratos: Leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro. In: FAILLA Zoara, (org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016, p. 19-42. Disponível em:  
[http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016\\_LIVRO\\_EM\\_PDF\\_FINAL\\_COM\\_CAPA.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf). Acesso em: 21 dez. 2019

FARIAS, Manoela Patrícia de. Refletindo a prática de leitura no ensino superior. **Revista Multidisciplinar IESC**, Arapiraca, AL, v.1, n. 2, jun./dez. 2010. Disponível:  
[www.isesc.educ.br/ojs/index.php/rmi/article/download/6/6](http://www.isesc.educ.br/ojs/index.php/rmi/article/download/6/6). Acesso em: 21 set. 2016.

FONSECA, Nayara Karolyne Alves Gabriel. **Convite à leitura infantil:** da importância ao incentivo dos pais. 2013. 50 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal de Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em:  
<http://www.ccsa.ufpb.br/biblio/contents/tcc/tcc-2013/convite-a-leitura-infantil-da-importancia-ao-incentivo-dos-pais.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se contemplam.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989. 4 Coleção Polêmicas de nosso tempo.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria Métodos científicos. In:\_\_\_\_. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 107-108.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. In:\_\_\_\_. *Técnicas de pesquisa* 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 86-91.

NASCIMENTO, Leandro dos Santos; BERAQUET, Vera Silva Marão. **A competência informacional e a graduação em Biblioteconomia na PUC-Campinas:** uma análise de 2008. [S.l.], v.14, n.3, p. 2-19, set./dez. 2009. Disponível em: [www.Scielo.br/pdf/pci/v14n3/02pdf](http://www.Scielo.br/pdf/pci/v14n3/02pdf). Acesso em: 05 abr. 2016.



NASCIMENTO, Leandro dos Santos; BERAQUET, Vera Silva Marão. A competência informacional e a graduação em Biblioteconomia na PUC-Campinas: uma análise de 2008. [S.l.], v.14, n. 3, p. 2-19, set./dez. 2009. Disponível em: [www.Scielo.br/pdf/pci/v14n3/02pdf](http://www.Scielo.br/pdf/pci/v14n3/02pdf). Acesso em: 05 abr. 2016.

NUNES, José Horta. **Formação do leitor brasileiro**: imaginário da leitura no Brasil colonial. São Paulo: UNICAMP, 1994.

PANSA, Karine. Fazer do Brasil um país de leitores é o nosso desafio. In: FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Instituto pró -livro; Imprensa Oficial, 2015. Disponível em: <http://www.travessa.com.br/retratos-da-leitura-no-brasil-3/artigo/508df4f5-2003-4de0-8707-f08935cf574b>. Acesso em: 10 jan. 2017.

RAUEN, Adriana Regina Feltrin. Práticas pedagógicas que estimulam a leitura. **Celepar**. Curitiba, PR, p. 32, [201?]. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/390-4.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2020.

RODRIGUES, Cássia regina Machado. **A influência da família no hábito de leitura**. 2016. 59 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2016. Disponível em: [https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/31/1/TCC\\_InfluenciaFamiliaHabitopd](https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/31/1/TCC_InfluenciaFamiliaHabitopd). Acesso em: 20 mai. 2020.

SAMPIERE, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. O processo de pesquisa e os enfoques quantitativo e qualitativo: rumo a um modelo integral. In: \_\_\_\_\_. Metodologia de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Mcgraw-Hell, 2006. p. 5-7.

SANTOS, Andréa Pereira dos; FIALHO, Janaina Ferreira. **O papel do bibliotecário como mediador do letramento informacional na biblioteca pública, escolar e universitária, algumas reflexões**. [S.l.: s.n.], [201?]. Disponível em: [aprendersempre.org.br/arqs/TEXTO%20MEDIADOR%20DO%20LETRAMENTO%20INFORMACIONAL%20NA%20BP.pdf](http://aprendersempre.org.br/arqs/TEXTO%20MEDIADOR%20DO%20LETRAMENTO%20INFORMACIONAL%20NA%20BP.pdf). Acesso em: 05 abr. 2016.

SANTOS, Priscila Paixão dos. A importância da leitura no nível superior. In: ENCONTRO CIENTÍFICO E SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO UNISALESIANO, 3, Lins, SP, 2011. **Anais...** Lins, SP: Unisalesiano, 2011. Disponível: [www.unisalesiano.edu.br/simpósio2011/publicado/artigo0113.pdf](http://www.unisalesiano.edu.br/simpósio2011/publicado/artigo0113.pdf). Acesso em: 21 set. 2016.

SANTOS, Silmara de Jesus Bignardi dos. A importância da leitura no ensino superior. **Revista de Educação**, Londrina, PR, v. 9, n. 9, p77-83, 2006. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/view/2176/2072>. Acesso em: 05 jan. 2017.

SILVA, Carla Cristina; ANDRADE, Viviane D. A.; EUCLYDES, Denise Maria Nery. A importância da leitura no contexto de formação profissional: o caso do projeto de extensão “círculo de leitura” da faculdade de viçosa. In: SEMANA ACADÊMICA, 2007, Viçosa. **Anais...** Viçosa: FDV, 2007. Disponível em: [http://correio.fdvmg.edu.br/downloads/SemanaAcademica2007/Anais\\_Artigos/Importancia\\_da\\_Leitura.pdf](http://correio.fdvmg.edu.br/downloads/SemanaAcademica2007/Anais_Artigos/Importancia_da_Leitura.pdf). Acesso em: 28 jan. 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1993.



TOURINHO, Cleber. Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: “deficiência” ou simples falta de hábito?. **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras, PB, v.1, n. 2, p. 325-346, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://periódicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tle> . Acesso em: 21 set. 2016.

## AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus e a todos os que de alguma forma contribuíram para a realização dessa pesquisa, em especial aos voluntários que se dispuseram a contribuir.

### **INFORMATIONAL LETTERING: a study of the reading habit and level of information literacy of students in the library science course at UFMT / CUR.**

**Abstract:** This article presents the results of the research carried out in 2017 in the Undergraduate Course in Librarianship at the Federal University of Mato Grosso (UFMT), Rondonópolis University Campus, as a requirement to complete the course. The research sought to investigate the behavior of students in the 1st year of the Library Science course in relation to reading. 22 subjects participated in this research. The type of research employed was the case study, with a qualitative approach. For data collection, a questionnaire was used. The basis of the research was based on the ideas of Tourinho (2011), Brito (2010), Farias (2010), Silva, Andrade and Euclides (2007) and others. The concepts discussed by these authors were reading, reading at the university, among others. The data revealed that although the participating subjects report having 100% reading frequency and 82% claiming to like to read, more than half have difficulties in interpreting and understanding a text, therefore, it can be said that understanding what is read is not effective

**Keywords:** University education. Reading. Librarianship. Information literacy. Students.

